

SEMENTEIRA



"A revolta dos lenhadores" - KÄTHE KOLLWITZ (B.D.I.C.)

Sumário

EDITORIAL	pg. 4
ACTUALIDADE	pg. 6
MOVIMENTO OPERÁRIO PORTUGUÊS	pg. 7
O QUE ACONTECE QUANDO SE TRABALHA SEM UM PLANO	pg. 10
MOÇAMBIQUE	pg. 13
ESPARTACO	pg. 14
TEATRO	pg. 18
DICIONÁRIO	pg. 21
HISTÓRIAS SIMPLES (conto de Antunes da Silva)	pg. 23

LARGE NEWS OUTLETS

ИЗДАТЕЛЬСТВО «НАУКА», 1978. 120 с. 15 к.



Abater os privilégios e supremacias das classes dominantes; restituir ao trabalhador o produto do seu labor socializando toda a riqueza; submeter a burguesia ao regime do trabalho obrigatório; prestar assistência social a menores e desvalidos e extirpar radicalmente o crime; da prostituição, como se fez na Rússia, tais são os pontos basilares do nosso programa revolucionário que juramos defender em todos os campos e sejam quais forem os meios, até à sua plena vitória.

[illegible]

Declaracões de Litvinov

Não é permitida aos cidadãos dos países aliados irem à Rússia comentar "do rio" as "atrocidades" bolcheviques. Mas o supontecidm dos Soviets em Copenhague, Máximo Litvinov, apresentou a um salão livre do sovietismo lituano para o apogeu da conferência da grande imprensa sobre o ataque ao sovietismo. Foi M. Litvinov, correspondente do "Daily Herald" em Copenhague que os recebeu e publicou. Lamentavelmente não podemos reproduzir aqui integralmente esse discurso de doutrina socialista publicado no jornal socialista holandês.

Liberal expõe petição em sua casa, com os filhos. No momento em que os prisioneiros vertem os rancos caldos em suas cabeças, os contrários da liberdade e os seus inimigos se apresentam. Os pobres homens aborrecidos ao Social e ao socialismo em inglês, repulsa, que todavia não foram nunca postos em prática.

Os oficiais ingleses são detidos, apenas como meio de pressão no governo de Londres, não os simples indivíduos ingleses do povo no território soviético, recebem rancos limpi e dos quais se faz uso. Vemmo, não são tratados e censurados, etc. Os ingleses não são tratados como os outros, os outros são tratados como os ingleses.

«Não há nada de novo. (Compare-se o tratamento dos habitantes soviéticos com o que se encontra chegando dos países burgueses e os seus prisioneiros de guerra submetidos a um tratamento feroz).

As negociações entre M. O'Grady e Livinat para o repatriamento de ambos terminaram sem sucesso, tendo havido uma interrupção de quatro dias para permitir ao detido inglês receber instruções do seu governo.

O governo soviético, dia Ljéonid Kouznetsov em declarações de Múscova, do central Mákhov, não tem aspirações imperiais. Não ambiciona Constantinopla nem pretende alargar as fronteiras. Os povos devem decidir a sua sorte pela vontade das maiorias. O Eslão do sul, a única federação dos povos bálticos, não tem nada a ver com a Rússia e os eslavos. Não exercemos pressão militar sobre os países vizinhos, nem tentamos estabelecer as fronteiras da Rússia com os estrangeiros. Não queremos a Europa, mas sim a liberdade para os povos e a paz. Quando os países reconquistarem as províncias bálticas, Moscova talvez tenha de fazer concessões a sup. ind. e sup. de rep. e sup. de rep. e sup. de rep.

Liberal expôs todos a situação militar, Kamenet que triunfou do exército de Kolchak e hoje comandando em chefe em todas as frentes. Não confundir com o *bagdy* comunista da mesma nome; o general Kamenet é um antigo oficial da polícia maior do exército tsarista que se não se tornou dos sovietes.

Um grande acoplamento d'entusiasmo pela ideia de Brasília atraiu toda uma cidade e nos cantos. Escravos as velas tinham desce- do numerosos campesões, mas apenas a região parietal voltaram em

Levine está disposto a facilitar transações econômicas nos Estados estrangeiros pelas rotas seculares, e bolchevistas do homem prático a sabem que a intervenção cessará desde que se contem com a paz dos interiores. E, mais entusiasmado à Rússia para a paz por um caso alheio do que desmenciar vidas humanas numa guerra que os

Além disso, a situação econômica da Rússia devido à guerra é tal que se torna necessário recorrer ao estrangeiro para ter as máquinas e material.

Afirmaciones categóricas

« É a tarefa da revolução pela qual o nosso dirigente da Partida Socialista Italiana precisa a unidade da grande massa eleitoral ».

Enrico Caporale, ministro delle
opere pubbliche, a sinistra.
Il ministro delle opere pubbliche
Enrico Caporale, a sinistra.

uma produção e a sua internacionalização, portanto, *o comércio não pode ser* a sua entre a Rússia e a Europa ocidental, e não que seja a consequência da política socialista e a derrota dos contrasocialismos.

Conclui-se que as necessidades da Rússia e de 17 Grã-Bretanha convertem sobre si a atenção dos proletários organizados e não sendo necessitados de dizer se preferem que cooperem nesta luta contra os interesses dos socialistas e dos seus países.

[illegible]

de la parte de la primărie de oraș, iar pe intervalele de conștientizare de timpuriu. Nu se realizează încă de implementarea programului în

e persuasão de Lloyd George não
foam mais convincentes e, no final,
mente, o primeiro ministro inglês
não tinha ultrapassado os objetivos
da conferência e encorajado os com-
itidos de uma paz eventual. Foi a

quelles nées hermines des quads res-
sant à la gela alternative. O que pro-
va a que Liberdade e O Orestes - não se
temo cingido entre os limites que
fora. foram graciosamente mares-
cadas, é que o Tempo, que reflete as
percepções abstratas, amargura. H
a gabinete de Lourenço de plenas
complexões as Ásia se se pôde
Excedido romas, Societas.

verão francês, por trêmula estir-
pila, record em guerra com a Revolu-
ção russa. Os desastres de Vande-
smich, de Koldich e de Denikine,
a tríplice vitória de Votny alcançada
pelo exército vermelho não abrissem

PAULO LUIZ.

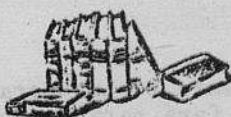
O retrato de Lênine
-Bandeira Vermelha- sul representa
de um capião documentário. A
traz alguns aspectos típicos da
Revolução. A foto alternada com
fotografias das figuras representativas
da Revolução.

de seguir uma liberdade fotográfica de Trótsky e de seu estado maior passando revista no volume Exército Vermelho.

EDITORIAL

Num mundo dividido em classes sociais a literatura será sempre, quer o queiramos ou não, uma literatura de classe. Nenhum artista, nenhum escritor pode escrever independentemente da ideologia que professa, isto é, da classe a que pertence ou a qual está servindo, seja consciente ou inconscientemente que o faça. Isto é, qualquer dos escritores de uma determinada sociedade, de um determinado país, (visto que regra geral ele escreve na língua da qual é originário) ao escrever certo livro, deixa impresso no conteúdo da sua obra o ponto de vista sobre o qual ele entende a sociedade. É que o escritor, o artista, no seio dessa sociedade está colocado de uma certa maneira, vê as coisas de um certo ponto de vista, que pode ser o de uma classe (a burguesia) ou o de uma outra (o proletariado). Se aceitamos que o mundo está dividido em classes, a dos que trabalham - os explorados - e a dos que possuem meios de trabalho, dos que possuem as riquezas assim como os meios de transformação dessas riquezas - os parasitas, os que exploram - (a burguesia), temos que aceitar inelutavelmente que todas as formas de expressão artísticas trazem impressas, em si próprias, um ponto de vista bem demarcado. Esse ponto de vista pode ser o dos oprimidos (proletariado) ou o dos opressores (burguesia).

Normalmente existe uma tendência na literatura que pretende que existe "a arte pela arte". Grosso modo, esta teoria pretende que o homem que escreve livros, o escritor, não precisa de se basear na sociedade para narrar determinados acontecimentos, contar uma história, escrever algum romance. Acrescentam os teóricos deste modo de pensar que, o artista, produz uma obra de arte devido pura e simplesmente à sua prodigiosa imaginação, que uma vez posta a funcionar, tem a possibilidade de inventar coisas fora do mundo, tem a possibilidade de contar histórias que só se passaram na sua cabeça, sendo pois por isso errado dizer-se que o escritor precisou de olhar a realidade para narrar uma certa história, escrever um certo romance. Mas antes pelo contrário este escritor, dizem esses teóricos, não precisa nada da sociedade, não existe para ele qualquer classe social, mas somente a sua imaginação que sendo de um grande poder de criação, de uma forte capacidade de invenção tudo criou sem sem nada pedir. É de empréstimo à sociedade. Isto é: a obra artística nada deve ao mundo real, à vida, à sociedade, e dentro da sociedade, nada deve obviamente também, a qualquer classe social. E assim chegam estes teóricos ao ab-



surdo de defenderem a teoria de que pode existir "a arte pela arte", a literatura pela literatura. Assim chegam estes teóricos à conclusão de que o artista é um homem que escreve ou produz obras de arte sem ficar devedor em nada, e por nada, do que se passa à sua volta, devendo isso somente ao seu "gênio", à sua imaginação prodigiosa - eis o artista por cima das classes, o artista que acredita que escreve fora do mundo e que conta coisas que só se passaram na sua cabeça e, também, por isso mesmo nada deve aos homens ou à sociedade.

Esta teoria é falsa. Nada mais enganador e mais sem pés nem cabeça pode existir! Vejamos:

O homem é um ser social. Nasce e cresce em sociedade. Forma-se nela e dela aprende e desenvolve os seus conhecimentos científicos, a sua moral, o seu "gosto" artístico, é em sociedade que o homem se forma e se faz adulto, é nela que trabalha. Dentro dessa sociedade esse homem pertence a uma determinada classe - pode-se nascer rico (na burguesia) ou pobre (no proletariado), pode-se nascer numa destas classes e, com o tempo, vir-se a passar para a outra. Depois, e sobretudo, segundo a classe à qual se pertence, segundo a classe onde se nasce, segundo a classe para a qual se passou o homem, tem-se dinheiro, tempo, acesso a certas regalias. Um filho de proletários (operários) não terá certamente as mesmas possibilidades de cultura, de formação escolar, universitária, de comprar livros, de disponibilidade de tempo (precisará, logo que cresça de ir trabalhar, para não morrer de fome) que o filho de um burguês (de um proprietário de fábrica).

Assim se vê, logo, portanto, que nem todos os homens podem colher os mesmos frutos da sociedade dividida em classes, da sociedade capitalista, embora todos eles sejam, quer o queiram ou não, influenciados pela sociedade e pela classe à qual servem, pela classe que detém o poder político, pela classe que está no governo do país.

É evidente que se o homem não pode pensar de uma maneira que seja somente "a sua maneira de pensar", como muito boa gente julga, mais evidente será que ele não possa, ao produzir certas obras de arte, agir de uma maneira "pessoal", "individual", pois como vimos, ele está condenado a exprimir o que vai na sociedade. Vimos também que, no seu aspecto mais importante, existem dois modos de ver o mundo, dois modos de o entender e o explicar. Um deles é professado pe-

la burguesia, classe decadente e opressora que tudo tem feito e tudo fará, para que o seu modo de ver o mundo perdue sobre o terreno; outro modo é o do proletariado, que tudo tem feito e tudo fará para dar a conhecer a cada vez maior número de pessoas, de trabalhadores, que o mundo não foi sempre assim, que é possível modificá-lo, que é preciso ter fé nas massas trabalhadoras e dentro da sua larga maioria, na sua parte mais consciente, na sua parte mais abnegada e desenvolvida, a classe operária. Modo de ver este que procurará enaltecer os feitos dos heróis populares, aquilo que de melhor existe no seio do povo trabalhador.

Nenhum artista está livre desta divisão, ele próprio a exprime nas suas obras.

O artista fechado entre quatro paredes que pretende produzir uma obra de arte, não tendo em atenção aqueles que o vão ler, mas somente aquilo que lhe agrada a si próprio, individualmente, é um contra-senso anti-ciêntifico, uma espécie de obreiro de obras postumas, alguém que veste cadáveres, talvez com rendas e bordados atraentes, mas de qualquer modo veste cadáveres ...

O artista para além do mais produz, em sociedade capitalista, uma mercadoria (que quer ele o queira ou não), entra nos circuitos típicos da venda ao consumidor, das flutuações do mercado, assim como do próprio poder de compra do consumidor. O artista, pois, quando produz uma obra de arte tem em atenção, embora talvez o negue, o público que lhe vai comprar. Esse público pode ser oriundo das classes trabalhadoras ou das classes exploradoras, tudo depende dos interesses de classe que a obra de arte defende e propaga.

Em Portugal aquilo que comumente se entende por ser "arte", literatura, teatro, cinema, pintura, etc., não está ao alcance do trabalhador, pois este não tem, grosso modo, sequer, poder de compra para adquirir as obras "de arte". Toda a gente sabe que um lugar num teatro ronda um dia de salário de um operário, o mesmo em relação aos livros, para já não falarmos das ditas artes plásticas ...

E isto independentemente de nos debruçarmos sobre os interesses que defendem tais obras de arte. Isto é, sabemos perfeitissimamente bem que as obras de arte produzidas pelos "artistas portugueses" estão longe, na sua generalidade, de defenderem os interesses da classe operária e do povo trabalhador.

A arte burguesa nacional terá como fim expor o que muito bem lhe agrada, mas já dificultada de atingir o operário e o camponês, já dificultada pela compra e ven-

da - pela lei do mercado - de alcançar com os preços as camadas mais pauperizadas do povo, já dificultada pela sua linguagem rebuscada, de se fazer entender por tais camadas, está condenada por si mesma a morrer na casca: uma arte morta, postuma, feita para uma "élite" decadente e viciada, condenada a desaparecer da história pela luta que se vai desenvolvendo entre ela e o proletariado português, entre ela - a burguesia - e a vanguarda desse proletariado!

Porém a outra arte dita anti-fascista tem como vírus um mal típico que herdou da arte burguesa (vem-lhe isto do facto dos seus "artistas" pertencerem quase todos à burguesia, embora se pretendam ao lado da classe operária), o estar arredada de uma verdadeira linguagem popular, de uma verdadeira forma popular. Padece do mal de que padecem as obras de arte em Portugal, como em qualquer país capitalista - o mercado! A compra e venda da obra de arte é uma operação demasiado luxuosa para o trabalhador português.

Como remediar a situação?

Como entender pois que se deve ser popular, no sentido em que se pretende produzir obras de arte para o povo trabalhador, no sentido em que se pretende contar, narrar e conduzi-lo a ter uma consciência da sua missão histórica, isto é, a ser uma classe para si?

Muito simplesmente:

"Isto significa, respectivamente, aprender a conhecer o mundo e a transformá-lo. Os nossos camaradas devem compreender que aquele que não fez inquéritos, investigação, não tem o direito à palavra; o palavreado vazio e pretensioso, feito a torto e a direito, com a simples enumeração dos fenómenos por ordem numérica 1,2,3,4, não serve de nada".(1)

Quer-se dizer com isto, que estes cadernos irão tentar, esforço-se por tal, cumprir, dentro das suas possibilidades, o papel de pequenos manuais de cultura popular.

Procuraremos dar uma perspectiva que tenha os seus alicerces na defesa prioritária dos interesses da classe operária portuguesa, das camadas trabalhadoras do país, assim como dos intelectuais que por serem consequentemente pelo proletariado merecem a designação de intelectuais revolucionários.

Depositamos pois o produto do nosso trabalho nas vossas mãos.

(1) - Mao-Tsé-Tung, "Sobre arte e Literatura".

actualidade

«terrorismo» ?

Em Portugal dão-se acontecimentos até à data nunca presenciados, pela frequência com que sucedem, pelo rio de tinta que os jornais do governo fascista fazem correr, pela discussão que provocam entre todos aqueles que se preocupam verdadeiramente com a sorte do País.

Falamos das bombas!

Uns, os fascistas, como seria de esperar, manifestam o seu receio por aquilo que acontece ao seu aparelho militar que, começa a dar de si, a ir pelos ares!

Sobre cada sabotagem que se faz ao aparelho militar que leva a cabo a guerra colonial, os fascistas tremem, inventam calúnias sobre os militantes revolucionários, verdadeiros patriotas e anti-fascistas, sobre as suas organizações. Assim lhes chamam terroristas, como assim chamaram aos combatentes dos movimentos de libertação das colónias. Assim aproveitam a seu favor, se por acaso tal se verifica, as vítimas que possam haver durante alguma operação de sabotagem. E esquecem os seus próprios crimes, esses não devido a erros técnicos, mas outros, sim a pura e simples vontade de oprimir, de massacrar, de matar, como único meio possível para continuarem a explorar os povos de Angola, Guiné e Moçambique.

Os fascistas esquecem o seu próprio terrorismo: a prisão de Caxias, o Forte de Peniche, as torturas da DGS-PI DE, a policia, a Guarda Republicana, os impostos ao contribuinte, o aumento do custo de vida, as péssimas condições de assistência médica que lavram por todo o País. Os fascistas esquecem todo este rol de coisas que aterroriza a população, que é dirigido contra ela, que a humilha e explora. Esquecem tudo isto, para falarem nos terroristas que põem bombas nos arsenais, nos ministérios do governo, que recuperam material militar, que sabotam o aparelho de guerra. E com a palavra de "terroristas" na boca tentam também transmitir o medo que os tolhe à população trabalhadora. Mas na verdade, cada trabalhador sabe bem que não são estes "terroristas" que o exploram, não são eles que o põem na rua de suas casas, que não será jamais a sua casa que irá pelos ares com uma bomba posta pelos "terroristas" de que fala o governo.

A violência é um direito que pertence a qualquer povo oprimido sobre o qual o seu governo só se impõe também pela violência.

Os professores da violência em Portugal não foram outros senão Salazar e Caetano, nada de estranhar que certos anti-fascistas, tenham decidido aproveitar a lição.

Em Portugal os jornais, todos sem excepção estão controlados pelo regime ou são declaradamente pelo regime, para poderem esclarecer o povo trabalhador sobre o que se está passando com toda verdade.

Logo, portanto, não é nos jornais visados pela "Comissão de Censura" que poderemos ir em busca da verdade e dos fins a que se propõem os patriotas e anti-fascistas que levam a cabo tal método de luta.

Tanto quanto o pudemos saber, através dos seus comunicados, dos comunicados da organização que leva a cabo este tipo de acção, (Brigadas Revolucionárias): estes corajosos filhos do povo português, são pela democracia pela paz, pelo pão, pela terra, e pela independência nacional!

Estranhámos, não podemos de deixar de o dizer, que órgãos da imprensa que se declaram a si mesmos de anti-fascistas também, que pretendem lutar pelos mesmos ideais dentro das suas possibilidades e limites, tenham deste tipo de acção, assim como das Brigadas Revolucionárias, uma opinião que em nada, ou muito dificilmente, difere da de Marcelo Caetano!

(Compreendemos que organizações políticas, ditas do marxismo-leninismo; avancem com as suas críticas, não há violência propriamente dita, mas tão só à forma utilizada. Isto está dentro dos tramites dos seus programas e linhas políticas).

O que não compreendemos é que os que não são mais do que anti-fascistas os que apregoam a unidade do movimento democrático e popular, não saibam de pois unirem-se no apoio, verbal ao menos, àqueles que como eles lutam pelo mesmo ideal!

O sectarismo destes órgãos de imprensa, peçados de críticas a torto e a direito, que pululam sobretudo na Emigração, acabará por se virar contra eles próprios, isolando-os do processo revolucionário!

E tempo, a nosso vêr de por os pontos nos iis, de dizer a todos que a UNIDADE, se só se pode construir com base na aceitação da livre-crítica, deve porém assentar que estamos unidos na questão fundamental: o fim da guerra colonial, a independência total dos povos das colónias, o derrubamento do Fascismo e a instauração de um regime de democracia popular!

Aqui começa a união de todos os verdadeiros anti-fascistas, assim como, a partir daqui, acaba o lugar para o sectarismo!

MOVIMENTO OPERÁRIO PORTUGUÊS

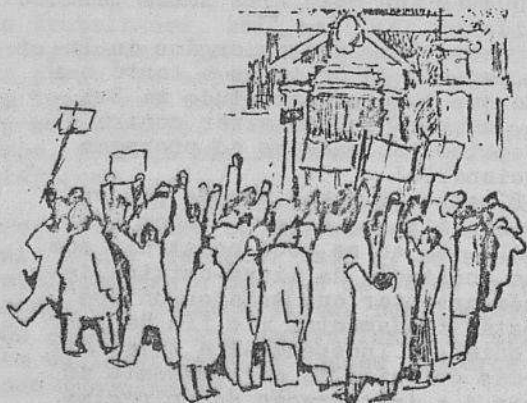
Muitos de nós pouco ou nada sabemos da história do movimento operário português.

Para esse geral desconhecimento tem contribuído infatigavelmente tanto o regime de Salazar, como agora o de Caetano. Toda a documentação em livros, jornais e outros, publicada na época, princípios deste século, pelas associações operárias, pelos sindicatos operários existentes antes da subida ao poder de Salazar, foi ciosamente confiscada pela policia-politica de Salazar das bibliotecas das associações operárias. Nas diversas bibliotecas nacionais que existem no País a sua consulta pelo leitor ou pelo investigador é, pura e simplesmente, proibida.

Assim, com este estado de coisas, as gerações nascidas já em plena noite do terror fascista (sobretudo a partir dos anos 30), vivem no meio da mais completa ignorância daquilo que foi o movimento operário, antes, durante, e pouco depois do governo instaurado pela revolução republicana-burguesa de 1910, até ao golpe fascista de 28 de Maio de 1926.

(Nestes últimos tempos o véu tem-se levantado um pouco em relação a algumas factas da história do movimento operário. Mas, ainda assim, devido à dâvida e ao esforço de memória, às colecções particulares (incompletas, portanto) de documentos propriedade de velhos leões do militantismo sindicalista, que à investigação das gerações novas).

Vamos nós pois começar a debruçar-nos sobre a imprensa e a acção do movimento operário português. Sobre as suas várias organizações. Tudo faremos, exactamente tudo o que estiver ao nosso alcance, para tornar esta secção o mais completa possível.



AS ORIGENS, DESVIAÇONISMOS E DEGENERESCÊNCIA DO DITO Partido "Comunista" Português

Em 5 de Outubro de 1919, surge o jornal, legal, Bandeira Vermelha, órgão da Federação Maximalista Portuguesa. Os textos teóricos deste jornal, onde se agrupavam os apologistas da fundação do Partido Comunista Português, deixava muito a desejar ao Partido de tipo leninista, ao Partido segundo o entendia a III Internacional Comunista.

Manuel Ribeiro, seu director, assim como mais tarde o seu primeiro secretário-geral Carlos Rates, estavam ainda prenhes da ideologia dominante no seio do movimento operário - o anarco-sindicalismo.

Aparece na Batalha (órgão da C.G.T.) o projecto de bases orgânicas do P.C.P., em Janeiro de 1921. A ignorância, o utopismo, misturado ao oportunismo anarco-sindicalista dos seus membros, podem servir como explicação para este projecto em nada leninista:

"Base 1ª - O P.C.P. é uma organização politica nacional, assente em bases descentralizadoras e federalistas.

Base 2ª - Os fundamentos da constituição deste Partido dizem respeito a:

a) A organização dos trabalhadores sobre a triplice base da resistência politica, sindical e cooperativista;

b) Apoio incondicional à C.G.T.;

c) Entendimento e acção internacionais dos partidos comunistas e organizações sindicais;

d) Colaboração dos técnicos, especialistas com as classes operárias;

e) Preparação e promoção da emancipação completa dos povos indigenas das colonias.

Base 3ª - O objectivo supremo que o P.C.P. procurará realizar, numa acção revolucionária que as circunstâncias do meio europeu e nacional tornarem oportuna, é a socialização integral dos meios de produção, circulação e consumo, isto é a transformação radical da sociedade capitalista em sociedade comunista." (1)

Para que se possa ver a distância dos "comunistas" portugueses daquilo que era à época entendido por verdadeiro Partido Comunista, por aquilo que era entendido neste aspecto pela única formação da qual emanava suficiente prestigio para aceitação ou não de um Partido de tal ou tal país: A Internacional Comunista.

"... 8º - Na questão das colónias e das nacionalidades oprimidas, os Partidos dos países onde a burguesia possui colónias ou oprime nações, devem impôr uma linha de conduta particularmente clara e nítida. Todo o Partido que pertença à III Internacional têm por dever de combater impiadosamente as "proesas" dos "seus" imperialistas nas colónias, de apoiar, não só em palavras, mas de facto, todo o movimento de emancipação das colónias, de exigir a expulsão dos colonialistas e imperialistas da metrópole das colónias, de alimentar no coração dos trabalhadores do país sentimentos verdadeiramente fraternais em relação às populações trabalhadoras das colónias e das nacionalidades oprimidas. De levar a cabo no seio das tropas de metrópole uma agitação contínua contra toda a opressão dos povos coloniais."

"... 12º - Os Partidos que pertencem à Internacional Comunista devem edificar-se segundo o princípio da centralização democrática. Na época actual de guerra civil eminente, o Partido Comunista não poderá cumprir o seu papel se não estiver organizado de forma centralizada, se não se impuser uma disciplina de ferro semelhante à disciplina militar, mas aceite pelos membros, se o seu organismo central não estiver munido de largos poderes, se ele não gozar de uma autoridade incontestável, beneficiando de uma confiança unânime dos militantes."... (2)

Como se vê era bem diferente o projecto político para a fundação do P.C.P.. Lógico será que se tenha assistido em Portugal não à fundação, nem ao natural desenvolvimento de um verdadeiro Partido Comunista, mas mais propriamente de um Partido operário vagamente pelo socialismo e comunismo.

Carlos Rates, primeiro secretário-geral do P.C.P., virou corporativista e colaborador do Diário da Manhã, jornal integralista, jornal das forças genuinamente fascistas de Portugal. Manuel Ribeiro foi convertido, quando preso, ao catolicismo pelo enérgico padre Cruz, virando em seguida "romancista".

O P.C.P. saí ferido de morte desta crise. Não existiam ideias sobre organização, nem sobre as tarefas de um verdadeiro Partido Comunista, a moral proletária e o comportamento perante a polícia eram do

mais baixo quilate, a ponto de se admitir como natural falar sob a tortura na polícia. Para levantar o Partido e assentá-lo em bases orgânicas leninistas e revolucionárias eram precisos ainda alguns anos de trabalho.

"O P.C.P. tentou nas vésperas do 26 de Maio de 1926 criar uma frente única do proletariado contra o perigo de uma "ditadura em moldes fascistas". A C.G.T. que tinha exaustivamente no seu jornal A Batalha chamado a atenção para o perigo real da ditadura, que tinha participado na intensa campanha anti-fascista dos meses Fevereiro-Abril, acaba por recusar sectariamente a proposta do P.C.P. ... O II Congresso do P.C.P. reunido em Lisboa a 29 de Maio propõe a frente única ... Desta letargia a C.G.T. saiu tarde de mais: proclama a 1 de Junho a "greve geral revolucionária em todo o País" e apela para o último recurso o povo de Lisboa "às armas" (MORRA A DITADURA! VIVA A LIBERDADE!) ... mas o movimento de Gomes da Costa já está vitorioso ... No dia 23 de Junho de 1926 A Batalha já está coberta de espaços em branco da censura militar da Ditadura Nacional. Em 1927 desaparece ..." (3)

Bento Gonçalves militante sindicalista do Arsenal, que tinha aderido ao P.C.P., tornando-se um destacado dirigente, sobe rapidamente à direcção do partido, e já sob a sua direcção que se processa toda a reorganização das estruturas do P.C.P. em moldes que se aproximavam do partido de tipo leninista. Porém, a indisciplina é ainda bastante forte no seio dos militantes, o que permitiu as acções mais ou menos espontâneas e fragmentárias que culminaram com o 16 de Janeiro de 1934 na Marinha Grande. A revolta dos operários da Marinha Grande revelou no entanto ao partido a existência do militante comunista José Gregório, um dos dirigentes desta revolta.

E sob a direcção de Bento Gonçalves que se criam os primeiros quadros de revolucionários profissionais do P.C.P., que se processa a saída periódica do órgão central do partido O Avante, que se leva o partido ao operariado agrícola da margem-sul, operariado que tanta combatividade tinha já demonstrado na greve geral de 1918.

A 11 de Setembro de 1942, em plena II guerra mundial, quando o fascismo português se encontrava na sua época de maior agressividade, morre Bento Gonçalves no campo de concentração do Tarrafal, na Ilha do Sal (Cabo Verde), não sem antes ter contribuído para o direitismo no seio do partido. São do conhecimento geral as suas propostas de apoio à ditadura salazarista no caso de o País vir a ser atacado pela Alemanha-nazi.

O partido fica à sua cabeça com duas tendências: Julio Fogaça, João Rodrigues, etc., de direita; José Gregório, Militão Ribeiro, etc., de esquerda (se é que o podemos dizer).

A primeira levava o seu oportunismo ao ponto de propôr o escoamento do partido no seio do MUD. Estava-se nas vésperas das eleições presidenciais. O colonialista Norton de Matos era apoiado pela oposição democrática e liberal e pelo P.C.P.. A direita do partido previa ainda que se devia apagar a figura da foice e do martelo do cabeçalho do órgão central do P.C.P., O Avante.

Contra esta tendência agiram José Gregório, Militão Ribeiro e outros.

Por esta altura aparece a figura de um militante saído dos meios intelectuais estudantis - Alvaro Cunhal. Este último apoia no entanto, à época, a tendência de esquerda do partido, isto é, a tendência que representava José Gregório. Por falta de quadros para reforçar a direcção do partido com uma orientação marxista-leninista e tendo na altura prestado provas de uma justa linha política, Alvaro Cunhal depressa se tornou um dos principais dirigentes do partido.



Alvaro Cunhal
Secretário Geral do
Partido "Comunista"
Português

Apoiando primeiro a tendência José Gregório, Cunhal, aceita a irradiação de Júlio Fogaça e, mais tarde, de João Rodrigues, assim como de outros elementos indisciplinados e provocadores.

Preso, José Gregório, sai da cadeia com a saúde abalada vindo a morrer na Checoslováquia em Junho de 1961. Militão Ribeiro é assassinado pela pida.

Alvaro Cunhal está definitivamente, de mãos livres, na direcção do P.C.P..



Alguns órgãos de Imprensa do P."C".P..
Dos quais, alguns, deixaram de circular.

Júlio Fogaça não pode ser reabilitado. O seu comportamento «imoral» impede Cunhal disso. João Rodrigues, vindo para França, torna-se uma espécie de adido do P.C.P. junto do P.C.F..

O P.C.P. com Alvaro Cunhal à cabeça começa o seu caminho para a degeneração.

Do partido começam a demitir-se os verdadeiros militantes comunistas, constituindo-se em organização independente.

Hoje este partido, fundado em 1921, não passa de um partido burguês, agrupando muito embora, uma minoria de trabalhadores sem consciência do papel de traição deste partido em relação à sua classe, ao mesmo tempo que é um partido de grande filiação junto dos meios intelectuais, estudantis, pequeno-burgueses e quadros técnicos do capitalismo que se desenvolve com a industrialização do País.

O seu papel está completamente reduzido a apoiar e organizar os movimentos legais e semi-legais da Oposição Democrática, a fazer sair, burocrática e maquinalmente, a sua imprensa periódica. Longe de qualquer actividade revolucionária, cheio de elementos estranhos ao comunismo, tem vindo a desprestigiar-se através dos seus dirigentes que, uma vez presos, traíam sucessivamente, seguindo-se a traição de dezenas e dezenas dos seus militantes de base, que não encontram motivos para não traírem a - quilo cuja natureza essencial é a traição: a traição à classe operária portuguesa!

Adotar os privilégios e supremacias das classes dominantes: restituir ao trabalhador o produto do seu labor socializando toda a riqueza; submeter a burguesia ao regime do trabalho obrigatório, prestar assistência social a menores e desvalidos e extirpar radicalmente a camorra da prostituição, como se fez na Rússia. Uns dos pontos basilares do novo programa revolucionário que devemos defender em todos os campos a seguir quais devem ser os meios, etc. d'uma

[illegible][illegible]

1. The first step in the process of the development of the new system is the identification of the problem. This is done by the management of the organization, who are responsible for the overall direction of the organization. They identify the problem and then they decide on the best way to solve it. This is done by the management of the organization, who are responsible for the overall direction of the organization. They identify the problem and then they decide on the best way to solve it.

[illegible][illegible]

Andersson and Koppa's multivariate approach to the study of the relationship between the variables of the model is a very useful tool. The authors use a series of discriminant functions to identify the different types of firms that are likely to be successful in the market. The results of the analysis show that the most successful firms are those that have a high level of innovation, a strong management team, and a clear vision of the future. The authors also find that the most successful firms are those that have a high level of customer satisfaction, a strong financial position, and a clear understanding of the market. The authors conclude that the most successful firms are those that have a high level of innovation, a strong management team, and a clear vision of the future.

Aktionen der evangelischen Kirche

[illegible]

O Sr. Fox possui um milhão de dólares. Ora, o dinheiro não deve ficar parado sem produzir. O Sr. Fox lê os jornais, consulta os amigos, contrata homens de negócios. Estes homens de negócios procuram dia e noite, indagam pela cidade toda. Como se poderá colocar o dinheiro do Sr. Fox?

Finalmente encontram um meio! Chapéus! Eis aí o que é preciso fazer! O comércio de chapéus vai indo bem, os fabricantes de chapéus enriquecem. Não há um minuto a perder, o Sr. Fox abre uma fábrica de chapéus.

Mas a mesma ideia acode, ao mesmo tempo, ao Sr. Fox, ao Sr. Nox e ao Sr. Krox. E todos resolvem, ao mesmo tempo, abrir fabricas de chapéus.

Em menos de seis meses, eis algumas fábricas de chapéus a mais. As chapelarias enchem-se de chapéus. As prateleiras cedem, quebrando, sob o peso dos chapéus. Enquanto isso, anunciam-se nos bondes, nos ônibus no rádio, nas paredes, em toda a parte! Chapéus! Chapéus! Chapéus! Fazem-se muitos mais chapéus do que o necessário, duas vezes mais, três vezes mais. E as fábricas continuam a trabalhar a pleno rendimento.

E eis que acontece o que, nem o Sr. Fox, nem o Sr. Nox, nem o Sr. Krox haviam previsto. O público deixa de comprar chapéus. O Sr. Nox baixa de 20% os seus preços. O Sr. Pox de 40%. O Sr. Fox vende os seus chapéus com prejuízo, só para se desembaraçar deles. Mas os negócios vão de mal a pior. Em todos os jornais aparecem anúncios assim:

"O Sr. só tem uma cabeça.
mas isto não quer dizer
que o Sr. só deve ter
um chapéu. Cada america
no deve ter três chapéus.
Compre os chapéus Fox."

O Sr. Fox oferece os seus chapéus a prestações, com o prazo de três anos! O Sr. Nox anuncia a liquidação:

"Um dia sómente! Aproveitem a ocasião!"

Mas acontece que isto tudo não traz resultado nenhum. O Sr. Fox diminui dois dolares por semana no salário dos seus operários; o Sr. Krox três dolares por semana.

Mas os negócios continuam a ir de mal a pior. De repente param!

(1) - José Pacheco Pereira: as lutas operárias contra a carestia de vida em Portugal

(2) - 2º Congresso da Internacional Comu-
nista, Julho de 1920 - condições de admi-
são dos Partidos na Internacional Comunis-
ta. Manifestes, Thèses et Résolutions des
Quatre Premiers Congrès Mondiaux de L'In-
ternationale Communiste, 1919-1923. Librai-
rie du Travail.

(3) - Mesma fonte que (1)



Bento Gonçalves, 2º secretário-geral do P."C".P. , morto a 11 de Setembro de 1942, no Tarrafal.

O Sr. Fox fecha a sua fábrica. 2.000 operários recebem as suas contas e são postos na rua. No dia seguinte, é a fábrica do Sr. Nox que fecha. Em menos de uma semana, quase todas as fábricas de chapéus deixam de funcionar. Devido a isso, milhares de operários ficam sem trabalho. As máquinas, todas novas, ficam enferrujadas; os prédios são vendidos.

Passa-se um ano, dois anos. Os chapéus comprados ao Sr. Fox, ao Sr. Nox, ao Sr. Krox, já estão usados, envelhecidos. O público dispõe-se a comprar chapéus. As chapelerias esgotam facilmente os estoques que possuíam. Das prateleiras mais altas, tiram-se chapéus, que já estavam empoeirados. Começam a faltar chapéus. O preço dos chapéus sobe.

E agora não é mais o Sr. Fox, mas um outro qualquer, o Sr. Daniel, por exemplo, que combina um negócio vantajoso: abrir uma fábrica de chapéus. Mas a ideia vem ao mesmo tempo, à cabeça de outros homens de negócios inteligentes: do Sr. Boudel, do Sr. Noudel e do Sr. Poudel! E a história repete-se.

E o que acontece com os chapéus, acontece também com os sapatos, o açúcar, o carvão, o petróleo, etc.. As fábricas trabalham incessantemente, a toda a força, depois param. Chega-se a pensar que os homens estão loucos!

UMA TERRA DE LOUCOS

No dia 12 de Setembro de 1920 partiu um comboio de Washington; uma locomotiva com trinta vagões. Os vagões estavam repletos de melancias maduras, bonitas, a 25 cents. cada uma. O comboio caminhou rapidamente para o norte.

Nas margens do Potomac, num trecho com um declive muito pronunciado, o comboio parou. Uma verdadeira avalanche de melancias precipitou-se pelo caminho abaixo. As melancias saltavam como bolas de croquet, chocavam-se, partindo-se em mil pedaços. Perto da margem, no rio, formou-se uma verdadeira ilha flutuante de melancias. As melancias espalhavam-se sempre. Depois do primeiro vagão, chegou a vez do segundo, depois, do terceiro, do quarto. O negócio caminhava depressa. A locomotiva apitou, o comboio estremeceu. Alguns homens tomaram o comboio em movimento, saltando para as plataformas. O comboio desapareceu. As melancias tomavam lentamente o curso da corrente do rio Potomac.

Esta história não a inventamos nós. Se o leitor quiser controlar a nossa boa fé, procure o livro do americano Stuart Chase, do Departamento do Trabalho de Nova York,

intitulado A Tragédia da Dissipação. Ali encontrará a história das melancias, página 193 da edição americana.

Eis o que ele conta ainda neste livro: "Em 1920, 1.000 galões de leite foram atirados aos rios do Illinois meridional.

Em Outubro de 1921, no Midlewest, foram colocados diversos cartazes ao longo dos caminhos, incitando os fazendeiros a queimar centeio em lugar de carvão.

Em 24 de Junho de 1924, no jornal Monde de Nova York, apareceu a seguinte notícia: "Foram destruídos hoje, no cais, 1.000 sacos de pepinos".

De três em três, de quatro em quatro anos, no Estado de Maine, grande parte da colheita de batatas é deixada no chão para apodrecer.

Eis aqui algumas novidades, que ao tempo, apareceram nos jornais:

Nos Estados do Oeste, queimam-se novamente cereais, como em 1921, para servir de combustível.

Nas plantações de algodão, criam-se besouros, insectos destruidores das sementeiras.

Os fabricantes de automóveis despendem milhões de dolares na compra de automóveis usados, unicamente para destruí-los.

As companhias de navegação destroem centenas e centenas de navios e barcos a gasolina.

Mas não é só nos Estados Unidos que se verificam estes factos lamentáveis, esta loucura atingiu também a outros países.

No Lancashire, na Inglaterra, jogam-se fora milhares de teares, como se fossem ferro-velho.

No Brasil, queimam-se milhares e milhares de sacas de café. Os plantadores de Ceilão abandonam as colheitas de chá nos campos. A revista alemã A Economia Mineira Internacinal anuncia que a extracção mundial de carvão ultrapassa consideravelmente as necessidades do consumo.

Que quer isto dizer? Os homens enlouqueceram? Queimar centeio, jogar leite no rio, destruir automóveis, botar a pique os navios, por que fazem isso? Por que é vantajoso?

É vantajoso para o Sr. Fox e para o Sr. Pox. O Sr. Fox queima alguns comboios de cereais para fazer subir o preço do centeio. O Sr. Pox dá ordens para atirar ao rio dezenas de milhares de garrafas de leite para que o leite não continue a ser vendido por baixo preço.

Onde é que está a chave do enigma?

Será que as máquinas dos Estados Unidos serão propriedade de todos os americanos, da colectividade? Não.

Exactamente porque as máquinas são propriedade de uma minoria, os capitalistas, exactamente por isto, a economia capitalista não pode ter planos. Os capitalistas, em concorrência, uns com os outros, não

se interessam, por que a sorte de milhões de trabalhadores dependa da abundância de produtos de primeira necessidade para consumo. Por isso, por só lhe interessar os lucros, é que não hesitam em atirar fora aquilo que quase sempre tanta falta faz aos povos do seu ou de outros países. Também pelo mesmo motivo, a mira do lucro imediato, não podem de modo algum planificar a economia. Só em regime socialista, onde as máquinas são propriedade de toda a sociedade, a economia pode ser planificada, tendo em atenção, esta planificação as necessidades e o bem-estar do povo trabalhador e não o lucro capitalista.



SOCIALISMO - Significa luta pela abolição de classes e da propriedade privada dos meios de produção. Isto feito, a propriedade dos meios de produção torna-se social, deixando de ser individual, isto é, passa a ser de propriedade da coletividade. A produção já não será realizada em benefício de uma reduzida classe -capitalista- mas de acordo com as necessidades do consumo social, donde ser uma economia planificada. Sendo o desenvolvimento da sociedade irregular, chegam ao socialismo mais rapidamente os países cujas condições objectivas e subjectivas o permitirem. Cada Partido Comunista lutará em seu país para que essas condições surjam o mais rapidamente. São Partidos, pois, que, embora lutando por um mesmo objectivo, contudo agem separada e independentemente, de acordo com as particularidades nacionais. Quando todos os países chegarem ao Socialismo, haverá um só tipo de economia: planificada, dentro de cada país e entrosada às de mais, sem, contudo, nenhuma nação perder sua independência e a liberdade de se desenvolver de acordo com as suas particularidades para o comunismo.

Economia planificada.

Propriedade privada dos meios de produção inexistente.

Oportunidades iguais para todos.

Fetichismo do valor de uso. Produz para atender às necessidades do consumo.

Monopólio da coletividade.

Liberdade das massas, à base de liberdade económica.

Produção para a paz.

Consome o que produz.

Ditadura do proletariado, transitória.

Partido Único, podendo os sem partido serem votados.

Governo de comunistas e de sem partido.

Igualdade racial.

Liberdade nacional, através da auto-determinação.

Povo organizado, para lutar contra qualquer sujeição interna ou externa.

Estado multi-nacional.

Condição social de liberdade.

Progresso. Governo genuinamente parlamentar.

Poder nas mãos da massa.

Liquidação da prostituição.

Amor à ciência.

Instrução para todos.

Amor à cultura.

Exército libertador.

Mulher dignificada.

Criança-cidadão.

Operário livre.

E a luz para todos.

Publicam-se milhões de livros.

Imprensa refletindo os interesses do povo.

Materialismo Dialéctico.

Sociedade em evolução.

E o novo, progressista.



MOÇAMBIQUE

- 1929 - Criação do Grémio Africano.
- 1948 - Primeira revolta em Lourenço Marques.
- 1949 - Formação de um grupo clandestino, o N.E.M.O.. Agrupamento dos alunos africanos do secundário de Moçambique.
- 1956 - Greve dos estivadores. Assassinato de 49 africanos pelos colonialistas portugueses.
- 1959 - Fundação do M.A.N.U., (União Nacional Africana de Moçambique) pelos trabalhadores moçambicanos da Tanzânia, do Kénia e do Uganda.
- 1960 - Revolta de Mueda (16 de Junho). Fundação em Salisburia da U.D.E.N.A.M.O. (União Democrática Nacional de Moçambique) presidida por Adelino Gwambe.
- 1961 - Fundação no Malawi da U.N.A.M.I., União Africana de Moçambique Independente.
- 1962 - O UDENAMO, MANU, e a UNAMI reúnem-se em Congresso em Dar-es-Salaam, agrupando-se sob o nome de F.R.E.L.I.M.O. (Frente de Libertação de Moçambique), tendo Eduardo Mondlane como presidente. (25 de Junho).
- 1963 - Cisões na FRELIMO. Criação de uma nova coaligação, sem a FRELIMO, o FUNIPAMO, Frente Unido Anti-Imperialista Popular Africano de Moçambique. (21 de Maio).
- 1964 - Começo oficial da luta armada nas províncias de Cabo-Delgado e do Niassa, depois no Tete. (25 de Setembro)
- 1965 - Fusão dos diferentes grupos concorrentes da FRELIMO sob o nome de C.O.R.E.M.O.. (Comité Revolucionário de Moçambique). (Julho).
- 1968 - Sob a direcção da FRELIMO, sob a direcção da sua justa linha política e da sua ligação estreita ao povo moçambicano, 20% do território é libertado.
- 1969 - Assassinato, pela policia-politica portuguesa, do eminente dirigente Eduardo Mondlane, presidente da FRELIMO. (Fevereiro). Constituição de um Conselho de presidência constituído por Samora Machel, Marcelino dos Santos e Uria Simango. (Abril). Uria Simango anuncia em Dar-es-Salaam a sua ruptura com Samora e Marcelino dos Santos, (5 de Novembro).
- 1970 - Ofensiva do exército colonialista contra a FRELIMO, esta ofensiva salda-se por uma derrota para as tropas coloniais.



Samora Machel

COMÉRCIO EXTERIOR DE MOÇAMBIQUE POR PAÍSES (1963) - 1.000 ESCUDOS

	Expor.	Impor.
Portugal.....	1.030.453.....	1277.496
África do Sul...	303.961.....	493.460
Reino-Unido.....	130.853.....	400.295
Índia.....	403.150.....	3.684
Alemanha.....	118.034.....	291.112
U.S.A.....	142.740.....	245.763
Angola.....	126.152.....	194.484
Holanda.....	42.205.....	150.153
França.....	83.258.....	90.678
Itália.....	35.619.....	69.027
Belgica.....	11.733.....	57.114

Fácil é deduzir, a partir daqui, porque motivo a burguesia colonial portuguesa leva a cabo a guerra: por um lado pode subtraír a este País as suas enormes riquezas, sobretudo minérios, e vender em seguida ao desbarato às outras potências capitalistas, por outro lado, desprovido de industria de transformação de matérias primas propositamente pelos portugueses, desprovido de certos artigos de primeira necessidade e do seu respectivo fabrico, Moçambique é, por sua vez, um vasto mercado para as mercadorias portuguesas e estrangeiras. O interesse do colonialismo português e do imperialismo internacional é pois duplo - por um lado espolia-se o País das suas riquezas, e por outro vende-se a eles aquilo que nós queremos e entendemos, aquilo que nós próprios não os deixamos fabricar...

MAS O POVO DE MOÇAMBIQUE DISSE NÃO!
CONDUZIDOS PELA FRELIMO OS MOÇAMBI-
CANOS CONSTROÍEM A SUA LIBERDADE E
A SUA INDEPENDÊNCIA DE ARMAS NA MÃO!

OS POVOS DAS COLÓNIAS VENCERÃO!
VIVA A FRELIMO!

ESPARTACO

A partir do século II, as insurreições de escravos foram tomando um carácter agudo e conquistando o apoio decidido de algumas camadas pobres da população livre. Com a queda do império Romano, encerra-se esse ciclo de rebeliões de escravos, em conjunto chamada "Revolução dos Escravos".

A partir do fim da segunda guerra púnica (201, A.C.) e da guerra contra a Macedónia e a Síria, o emprego de mão-de-obra escrava nas grandes propriedades desenvolveu-se rapidamente. A exploração do trabalho era realizada de forma capitalista. Além disso, os romanos desprezavam o trabalho e os trabalhadores. A situação dos escravos era, portanto, intolerável. Quase todos os trabalhos, tanto industriais como domésticos eram feitos por escravos. Nas construções de vilas e palácios, utilizava-se grande quantidade de mão-de-obra escrava. Transportavam-se montanhas, abriam-se lagos ou alteravam-se o curso dos rios, de acordo com os caprichos dos plutocratas.

As contínuas guerras, em todas as partes do mundo, forneciam centenas de milhares de prisioneiros, que eram submetidos ao jugo da escravidão. Contudo, as necessidades dos grandes proprietários romanos, não estavam satisfeitas. Por esse motivo, caçavam-se homens para abastecer os mercados de escravos. Roma tiranizava três continentes. E a situação dos escravos tornava-se cada vez pior. Catão, o Antigo, vendia os seus escravos quando eles, já velhos, depois de esgotarem todas as forças ao seu serviço, não podiam mais trabalhar. É de admirar que, nestas condições, os escravos protestassem e estivessem sempre dispostos à revolta? É de estranhar que se aproveitassem de todas as oportunidades que se apresentavam para fugir? Os escravos eram marcados com ferros em brasa, como o gado, para poderem ser facilmente capturados e devolvidos aos donos, em caso de fuga. Nos trabalhos agrícolas, passavam o dia inteiro acorrentados. A fuga era castigada com a pena de morte por crucificação. Mas a pior degradação era a dos escravos que possuíam grande força física. Transformados em gladiadores, viam-se obrigados a fornecer à população o sangrento espectáculo das matanças humanas nas arenas de Roma. Os prisioneiros ou reféns cultos, como os gregos, ou hábeis em negócios, como os sírios, eram aproveitados nas funções de preceptores ou de administradores, e, muitas vezes, graças aos seus trabalhos, conquistavam a liberdade. Um desses escravos libertos foi o historiador grego Políbio, que escreveu a História de Roma, uma das melhores obras sobre o assunto. A nobreza e a plutocracia desprezavam os gregos e lamentavam a sua influência na cultura romana. Desta concentração de es-

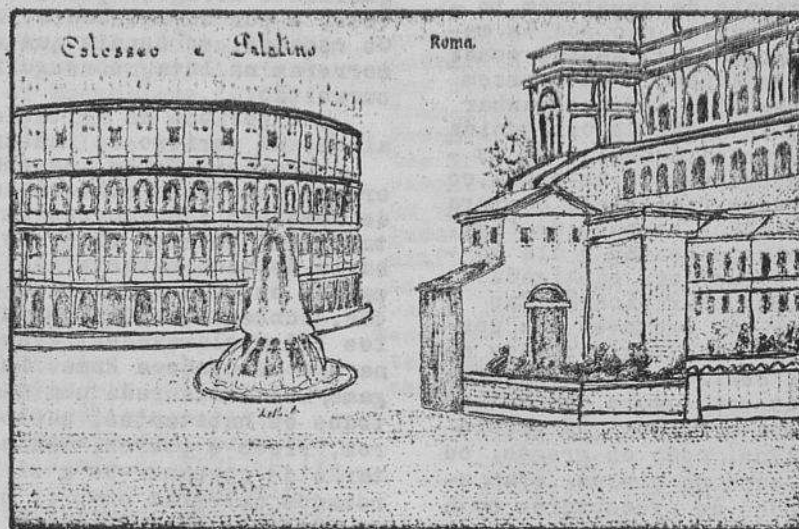
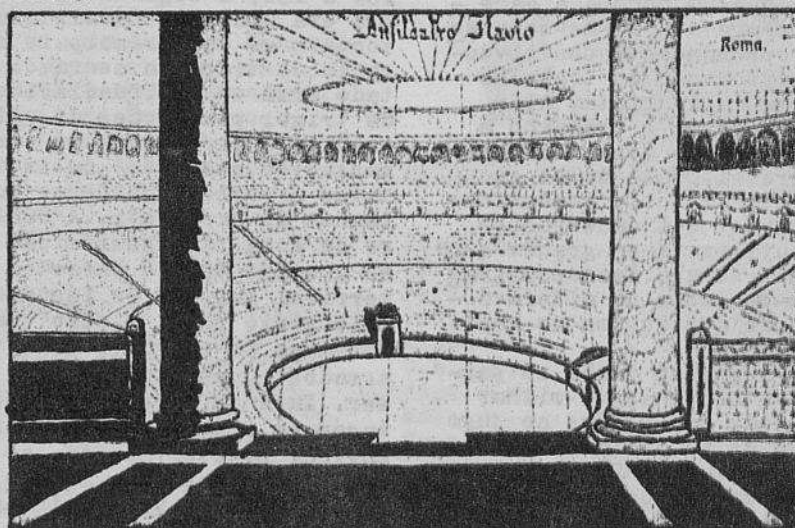
cravos, isto é, desta concentração de massas consideráveis de homens, que odiavam ferrozmente os opressores, devia surgir logicamente, mais cedo ou mais tarde, conspirações e revoltas. Faltava apenas um chefe energético, capaz de desencadeá-las e dirigi-las. A primeira revolta de escravos estalou na Apúlia, no ano 187 A.C. Foi rapidamente esmagada. Os sete mil escravos que dela participaram morreram na cruz.

Incomparavelmente mais dolorosas e angrentas foram as duas insurreições de escravos que irromperam na Sicília, a primeira de 134 a 132, a segunda de 104 a 101. A Sicília era uma ilha fértil que, por isso, se tornava um dos principais centros da exploração do trabalho escravo. As terras do Estado eram os latifundiários: imensos campos de trigo, plantações de oliveiras, prados secos, onde se criavam carneiros. Enormes massas de escravos cultivavam o solo, plantavam árvores frutíferas ou guardavam os rebanhos de carneiros. A Sicília era um celeiro de Roma. A insurreição que aí estalou no ano 134 teve o carácter de uma longa e terrível guerra. Os insurretos, chefiados pelo sírio Enus, e pelo macedónio Cleon, formaram um exército de setenta mil homens armados. Quase toda a ilha caiu em seu poder. Durante vários anos repeliram com vantagem os ataques dos exércitos que Roma lhes enviou, sucessivamente, ao encontro. Afinal, foram vencidos pela fome e pela força das armas. Mais de vinte mil insurretos morreram na cruz. Isto acontece justamente quando Roma está agitada interiormente pelos Gracos. A segunda insurreição siciliana foi igualmente dirigida por um sírio, chamado Salvius, e por um macedónio, de nome Artenion. Os romanos, só depois que estes dois chefes morreram na luta, conseguiram dominar a insurreição.

O período da agitação dos Gracos foi, aliás, um período de insurreições gerais.

Na Ásia Menor, os proprietários de escravos também se sublevaram contra o domínio de Roma. Em 133, morreu em Pérgamo, o rei Atalos III, monarca fraco de espírito, que se havia deixado submeter ao jugo romano. Os romanos, ou pela violência, ou pela falsificação, conseguiram um testamento, no qual Atalos III declarava entregar toda a sua fortuna e o seu país a Roma. Logo depois em Pérgamo, foi instaurada uma democracia política: todos os habitantes, nacionais e estrangeiros, ricos e pobres, tinham o direito de votar e de governar-se a si mesmos. Quando os romanos quiseram cumprir o testamento do rei de Pérgamo, isto é quando tentaram apoderar-se do país, o povo sublevou-se, dirigido por Aristónico, irmão unilateral de Atalos, que habitava Leuca, pequeno porto situado entre Smirna e Póceu.

Várias cidades colocaram-se ao lado de Aristónico. Mas outras como Efeso, aliam-se aos romanos. Nesta guerra, Aristóni-



A ROMA DO TEMPO DE ESPARTACO

co a princípio sofreu algumas derrotas. Em seguida, porém, apresentando-se como libertador dos escravos, dirigiu-lhes um apelo chamando-os à luta contra os romanos. Os escravos atenderam e ingressaram em massa nas fileiras. Aristônico fundou, com eles, um Estado do Sol. Não se conhece ao certo a organização desse Estado, por falta absoluta de documentação histórica. Entretanto é lícito supor que se tratava de uma sociedade comunista. Os cidadãos do Estado do Sol, isto é, os escravos libertos, dirigidos por Aristônico, organizaram-se rapidamente e percorreram o país como vencedores. Receando perder sua fabulosa "herança", os romanos enviaram tropas para combatê-los. Como essa expedição militar era dirigida por um consul, tudo leva a crer que Aristônico teve de lutar contra um poderoso exército. Mas esta expedição romana foi parcialmente vencida. A guerra prolongou-se até ao ano de 129, e terminou, afinal, pela derrota dos rebeldes de Pérgamo. Aristônico foi capturado, conduzido a Roma e executado.

Este número prodigioso de vítimas da insaciável cobiça dos romanos fez surgir um vingador terrível. Roma não conhecia até então um chefe de rebeldes da sua envergadura. A revolta dos escravos dirigida por Espartaco, que se prolonga do ano 73 ao ano 71 A.C., foi a única diante da qual os senhores do mundo tremeram. Infligiu-lhes as maiores humilhações e as mais vergonhosas derrotas.

Os escravos da mais baixa categoria, os gladiadores, bateram os exércitos dos cônsules romanos, esmagando-os, depois de encarniçados combates.

A seguinte observação do historiador romano Florus, mostra como Roma foi humilhada, pela insurreição dos gladiadores: "Seria, talvez, possível suportar a vergonha de combater escravos. Os escravos são homens impiedosamente expostos pelo destino a toda sorte de ultrajes. Mas são, em última análise, homens de uma segunda categoria, a quem poderíamos até conceder as vantagens da nossa liberdade. Mas que nome poderei dar a essa guerra chefiada por Espartaco contra nós? Confesso que não sei. Porque, do lado dele, vemos escravos combatendo e gladiadores comandando à pior de todas as condições sociais. Estes estranhos inimigos juntaram o ridículo ao desastre". Espartaco era um chefe e um organizador da envergadura de um Aníbal. Com tropas mais numerosas e mais bem armadas, teria certamente abalado o poderio de Roma. Plutarco afirma que Espartaco era "extremamente forte e sério, de uma inteligência e clarividência bem raras, em indivíduos da sua condição, mais helênico do que bárbaro". Um tal juízo, na boca de um grego é um grande elogio. Espartaco foi também admirado por homens como Lessing e Marx.

Pouco se sabe da sua juventude, e, em

geral, da sua vida; até o ano 73 A.C. Em trácio, descendente de uma horda nômade. Foi trazido a Roma como prisioneiro de guerra e vendido como escravo. Conseguiu fugir. Tornou-se mercenário. Finalmente, foi vendido ao proprietário de uma escola de gladiadores de Capua. Com ele, encontravam-se cerca de duzentos escravos, trácios e gauleses, na maioria, que conspiravam. Preparavam uma fuga para recuperar a liberdade na primeira ocasião. A conspiração foi descoberta. Mas Espartaco, com setenta companheiros, assim mesmo, conseguiram fugir. No caminho, assaltaram um transporte carregado de armas. Com elas combateram os soldados enviados para o capturar. E venceram. A notícia desta primeira vitória de Espartaco espalhou-se por todo o continente. Grande número de novos combatentes incorporaram-se-lhe às fileiras. Dentro em pouco, Espartaco tinha a seu lado mais de duzentos homens, que participaram enérgicas represálias contra os proprietários. Foram, a princípio, considerados apenas uma quadrilha de bandidos. Roma enviou contra eles o pretor Claudio Pulcro à frente de um pequeno exército de três mil homens. Espartaco fortificou-se nas fraldas do Vesúvio, que nessa época se achava tranquilo, e destruiu completamente o inimigo. O acampamento, as bagagens e as armas do pretor Claudio caíram-lhe nas mãos.

Daí por diante, Espartaco torna-se célebre. Sua reputação estende-se por toda a Itália. Declara-se abertamente inimigo de Roma. Dirige-se a todos os escravos e a todos os oprimidos, convidando-os a ingressar nas suas fileiras para participar da guerra de libertação. Os escravos e os indivíduos sem propriedade, os estrangeiros e os italianos despojados das terras, atenderam em massa ao apelo de Espartaco. Os agricultores deixaram os campos, os pastores os rebanhos, os escravos os senhores. Os prisioneiros fugiram dos calabouços. Os escravos romperam as cadeias. Todos se uniram a Espartaco, que transformou essa multidão heterogênea de homens que chegavam de todos os lados num exército capaz de portar-se convenientemente nos combates. Mas não conseguiu que os soldados respeitassem os não combatentes. Nas correrias através do país, as tropas de Espartaco saqueavam e incendiavam as casas, devastando os férteis campos. Por onde passavam, semeavam o terror.

Espartaco só conseguiu estabelecer uma certa unidade duradoura entre os diferentes elementos de seu exército — os trácios, os sirios, os gauleses, os germanos, os italianos, etc., depois de grandes esforços.

A notícia de derrota do pretor Cláudio Pulcro foi recebida em Roma com surpresa e cólera. rapidamente, equipou-se um novo exército de oito a dez mil homens. Em

tais expedições só se empregavam, habitualmente, as legiões romanas, que, aliás, nessa época, estavam muito ocupadas, combatendo na Espanha e no baixo-Danúbio, sob o comando de Pompeu e Luculo. O novo exército marchou contra os insurrectos, comandado por dois pretores.

Espartaco foi prudente. Não atirou as suas tropas pra uma batalha franca.

Mas os seus lugares-tenentes, e, em particular, os gauleses, tomando-lhe a prudência por medo, atacaram os romanos com três mil homens e foram vencidos. Depois disso, todos os soldados reconheceram a sabedoria do chefe. Submeteram-se, então, às suas ordens e aprovaram a retirada, que se realizou sem uma só perda. Mas Espartaco, um pouco mais tarde, compensou esta derrota. Após algumas surtidas e escaramuças felizes, atacou o inimigo com o grosso das tropas, desbaratando-o. Toda a Baixa-Italia caiu nas mãos dos gladiadores. Agora, Espartaco desejava marchar rapidamente para o norte, atravessando a Italia e esmagando tudo o que se levantasse diante dos seus passos para impedir a obra libertadora, antes que os romanos tivessem tempo de refazer-se da surpresa e do susto e chamassem em seu auxilio os grandes capitães Pompeu e Luculo, com suas legiões. Este plano de Espartaco demonstra a sua larga visão politica.

Mas os lugares-tenentes e as tropas já haviam provado o sangue romano, opuseram-se tenazmente ao plano do chefe. Em vão Espartaco procurou mostrar-lhes a formidável potência do Império, que fora surpreendido num determinado momento, mas que não poderia ser facilmente vencido desde que conseguisse reunir todas as suas forças. No exército de Espartaco, porém, as opiniões estavam divididas: os gauleses e os germanos sob a direcção de Crixio, não eram partidários da marcha sobre Roma; os tracios e os italianos adoptavam o ponto de vista de Espartaco. Enquanto isso, em Roma faziam-se grandes preparativos e reuniam-se importantes forças para combaterem o exército dos gladiadores.

O desprezo inicial já se havia transformado em pavor. Três exércitos partiram para combate-los, dois sob o comando de dois consules, isto é, sob o comando dos mais altos funcionários do Estado, e o terceiro comando por um pretor. Quando souberam desses preparativos, Espartaco e Crixio reconciliaram-se. Não foi, porém, uma verdadeira união. Continuaram a operar separadamente. Espartaco, à frente de quarenta mil homens e Crixio de trinta mil, invadiram a Apulia. Rapidamente, Crixio caiu sobre o exército de pretor, que, diante do ataque dos gauleses e dos germanos, disperçou-se e fugiu. Mas, como Crixio não o perseguiu com energia suficiente, o exército pretoriano reagrupou-se no dia seguinte e atacou os gauleses que, co-

lhidos de surpresa, foram vencidos.

O próprio Crixio morreu durante a luta. Cerca dez mil homens conseguiram refugiarem-se ao lado de Espartaco. O exército pretoriano vitorioso uniu-se, então, a um dos dois exércitos consulares, que, dividido em duas colunas, marchou ao encontro de Espartaco. Isto não se fez esperar muito tempo. Uma parte das suas forças foi encerrada de impedir a aproximação do outro exército consular. Com as tropas restantes, Espartaco atacou o primeiro exército consular, obtendo estrondosa vitória. Sem perda de tempo, reuniu as suas forças e o exército que ficara em observação e atacou no mesmo dia o segundo exército consular, obtendo nova e fulminante vitória. Todas as vagagens do exército e grande número de prisioneiros lhe caíram nas mãos.

Imediatamente, Espartaco marchou para o norte, esmagando de passagem as tropas reorganizadas a toda a pressa e enviadas ao seu encontro pelos pretores e pró-consules romanos. Atingiu, assim, Modena. Parecia invencível. Foi, então, que infligiu a Roma profunda humilhação. Organizou uma festa funerária em honra de Crixio e, nessa ocasião fez com que trezentos prisioneiros romanos combatessem entre si até à morte, como gladiadores, diante de todo o seu exército reunido. Os escravos desprezados eram agora os espectadores. E os orgulhosos romanos estavam na arena, como gladiadores. Nenhuma das humilhações que Roma sofreu na guerra dos gladiadores foi tão profundamente sentida como esta. A morte, como gladiadores, de trezentos guerreiros romanos foi considerada a mais ignominiosa ofensa sofrida pela majestade romana, o mais intolerável insulto à sua honra. Meissner diz a esse respeito: "os romanos achavam que julgar com a maior crueldade os príncipes e reis aprisionados, infligir-lhes a tortura da fome nos calabouços, descarteja-los, fazê-los morrer no meio dos mais atrozes sofrimentos, tratar como um do vil a populações inteiras arrancadas de suas casas, tudo isto os romanos consideravam um direito imprescritível. Mas obrigar os cidadãos romanos, prisioneiros, a massacrarem-se mutuamente, era um crime até então desconhecido, um crime que nunca poderia passar pela cabeça de nenhum cidadão de Roma. E quem lhes fazia sofrer tamanha humilhação? Um homem cuja vida, meses antes, dependia do polegar dobrado ao distendido de alguns plebeus. Um homem que, ao lado de cinquenta ou sessenta de seus iguais, poderia ter sido estrangulado, se qualquer jovem patricio romano tivesse o capricho de realizar sacrifícios em honra da morte de qualquer das tias!"

Neste momento o poder de Espartaco, atinge o apogeu. Já pode, agora, pôr em prática o plano primitivo: libertar uma massa considerável de escravos, dissolver o seu exército e viver, daí por diante, saboreando o prazer de ter humilhado Roma, rainha do mundo. Mas Espartaco modificou bruscamente os seus planos. Não atravessou o Pó: voltando por onde viera, marchou para o sul. Na Itália, julgaram que ele se preparava para marchar sobre Roma. Para impedir-lhe o avanço, um novo exército pretoriano ofereceu-lhe combate. De pois de grande batalha, que teve por teatro a região de Piceno, Espartaco, por mais uma vez, saiu vitorioso. Roma estava apavorada. Mas Espartaco passou diante dela e seguiu com os seus exércitos para a Baixa-Itália. Ocupou Turio, que proclamou porto livre. Aí, elaborou leis humanas. Vários factos indicam que Espartaco tencionava fundar na Baixa-Itália um Estado organizado de acordo com o modelo da Esparta de Licurgo. Espartaco suprimiu o uso do ouro e da prata. Reduziu o preço de todos os artigos de consumo. Introduziu os hábitos de vida simples dos espartanos. Agrupou numa vasta associação os fugitivos dos diferentes países, que passaram a viver sob a sua protecção, educando-os na arte militar.

Ocupado com tantas tarefas de homem de Estado, Espartaco esqueceu-se de que o inimigo, com o tempo, se refazia do terror e preparava-se enérgicamente para a luta. Os romanos agindo com muito mais prudência que dantes, organizaram um numeroso exército, disciplinado, e entregaram o comando da nova expedição ao pretor Cracio, homem hábil na arte militar. Ponto em prática todos os conhecimentos técnicos, tácticos e estratégicos, nos quais eram em muito superiores aos adversários, os romanos atacaram Espartaco. Assim mesmo, no início, foram várias vezes derrotados. A situação tornara-se completamente desfavorável para Cracio, que já perdera qualquer probabilidade de vitória, quando, no campo de Espartaco, surgiram discordias e lutas. Os gauleses ardentes e indisciplinados, novamente se precipitaram, agindo independentemente, sob a direcção dos seus próprios chefes. Sofreram por isso sérias derrotas.

Espartaco venceu Cracio em vários combates. Mas acabou sendo vencido, no ano de 71, diante da superioridade das forças de Roma. O próprio Espartaco tomou mortalmente ferido durante a batalha. Seis mil homens dos seus exércitos foram aprisionados e crucificados por Cracio. Entretanto, no campo de Espartaco, havia três mil prisioneiros romanos com vida.

Esta guerra de gladiadores aterrorizou os romanos ainda durante varias décadas.

(1) Max Beer - História do socialismo e das lutas sociais.

TEATRO

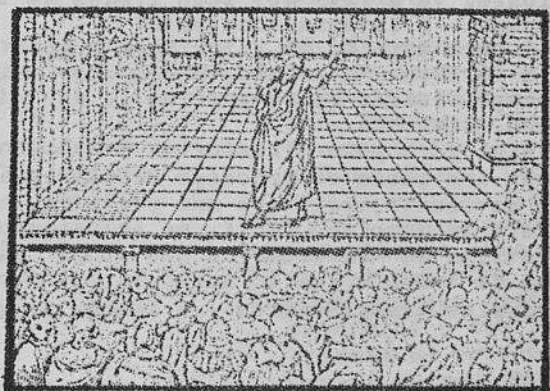


Hoje está instaurada a necessidade de representar teatro que muita gente chama de revolucionário.

O Teatro português assiste pois a um acontecimento sem precedentes (a não ser nos longínquos tempos do anarco-sindicalismo) nos anais da sua historia.

Enquanto em Portugal se continua a dar teatro reaccionário, vazio, imoral, enquanto que as forças — ditas de opposição ao regime — da intelectualidade portuguesa se distanciam do Teatro Popular para mergulharem nas águas turvas, para se enlearem nos sótons ultrapassados e nichosos do teatro pequeno-burguês, do "teatro do absurdo", do "drama psicológico", nas experiências técnicas de um teatro decadente, burguês, caro, demasiado, para o espectador-trabalhador, pretensiosamente intelectual... Enquanto tudo isto sucede, no seio da Emigração Portuguesa na Europa, particularmente na França, os exilados politicos, as associações e clubes anti-fascistas, criaram e desenvolvem toda uma actividade teatral de notável riqueza sob todos os pontos de vista, ao mesmo tempo que buscam fazer do teatro aquilo que mais importa que ele seja — Um Teatro Popular, Um Teatro Politico!

E de aprovar a actividade do "Grupo de Teatro de José Gregório" com a representação da peça extraída do romance A Mãe de Máximo Gorky. E, até, retiradas as devidas particularidades, erros históricos e técnicos, a peça sobre o "18 de Janeiro da Marinha Grande" pelo Grupo de Teatro Operário



Vamos hoje abordar, porque nos encontramos em pleno conhecimento de causa a peça 1º de Maio levada à cena pelo Grupo Cénico do Centro Outubro.

A história da peça desenrola-se numa determinada altura da luta de classes em Portugal. Altura que não será por certo a presente, mas que virá a médio prazo a ser uma realidade dado o desenvolvimento e agudização da luta de classes.

Um operário é preso ocasionalmente no decurso da manifestação do 1º de Maio. Ele é estranho ao acontecimento (tanto quanto o pode ser um operário). Interrogado no posto pelo comandante da P.S.P., ele apercebe-se que a acusação já está construída contra si, contra os da sua classe.

A consciência de classe do operário, ainda que primária uma vez posta em choque frontal com o poder, vai-lhe dando conhecimento, através do próprio interrogatório de coisas simples que ele ignorava.

1º - A ilação é a seguinte: As massas não aprendem na literatura. Não vêm tal como vêm os intelectuais. As massas não sonham que a realidade deve coincidir com os seus desejos, mas outrossim aprendem na luta de classes, na experiência da vida, na sua escola, que é a luta pelo pão.

Depois, a partir de determinado desenvolvimento do processo revolucionário, quando a Frente Popular já é uma realidade inelutável (caso das palavras de ordem do cartaz que o operário encontrou no local da manifestação) as massas, e delas, os elementos mais conscientes podem ser facilmente mobilizados para formas superiores de organização e de luta - no seio da vanguarda do proletariado.

2º - Um ano depois o operário é um militante comunista. Preso, pela segunda vez, o seu comportamento é nitido e claro, perante a tortura da polícia política é o comportamento de um revolucionário consequente. Não fala!

Para além da tortura e da luta no território nacional ele, como comunista, vê mais longe, vê a luta dos seus irmãos de todo o mundo - é internacionalista!

A peça termina na vitória do operário sobre a tortura e a prisão. O Hino de Caxias irrompe dizendo que é preciso... dar mais um passo, camarada...

Aqui pára pois a história. Exactamente, dando uma ideia do processo revolucionário em movimento, pois que não pretende a peça cair no utopismo fácil, no entusiasmo de pacotilha de "inventar" o que ainda não sucedeu de todo, o que só sucederá por obra dos próprios trabalhadores - a tomada do poder.

O MODELO BRECHTIANO E A PEÇA 1º de Maio do Centro Outubro

A Forma épica de Teatro

1- E' narração

1- A Peça o 1º de Maio conta a história simples de um homem (operário)

2- faz do espectador um observador mas

2- o espectador é convidado a assistir ao desenrolar da história desde o princípio ao fim, tudo o que é fundamental saber sobre a vida do operário é, efectivamente, narrado pela peça.

3- desperta a sua actividade intelectual

3- No entanto, a própria narração, a história da peça, obriga o espectador a uma ginástica mental, simples, mas constante, através das perguntas do comandante da P.S.P. e das respostas do operário.

4- Obriga a tomar decisões

4- O espectador decide, comprovou-o a experiência, tomar o partido do operário, aplaude as suas respostas.

5-Visão do mundo

5- A visão do mundo é dada através da concepção do poder (comandante das massas (operário) e da sua vanguarda (os que organizaram a manifestação do 1º de Maio, os mesmos que mais tarde organizam o operário).

6- O espectador é posto frente às coisas

6- Toda a peça 1º de Maio se baseia neste princípio

7- Argumentação

7- A própria narração da peça é escrita com este processo metódico. O próprio diálogo está fundado no princípio da argumentação. Resposta da reacção = resposta do operário = dedução. E assim sucessivamente.

8- Os sentimentos são desenvolvidos até se tornarem em conhecimentos

9- O espectador posto defronte es-
tuda

10- O homem é obje-
to de investigação

11- O homem que se
transforma e trans-
forma.

12- Interesse apai-
xonado pelo de-
senrolar da pe-
ça

8- O operário experi-
menta o medo, o medo e
a injustiça de que é
alvo transmite-se ao
espectador. A partir
de certa altura o ope-
rário da defesa passa
a acusar - o especta-
dor apoia, logicamente,
o operário injustamen-
te acusado.

9- A peça o 12 de Maio
põe o espectador de-
frente um caso geral,
obriga-o a seguir o
seu desenrolar (obri-
ga-o a estudar os se-
us meios e os seus
fins) o espectador es-
tuda a peça e adere a
ela aos poucos, mas fir-
memente, quando apoia
o operário. O especta-
dor para apoiar tem
que estudar a peça à
luz da sua experiência
da luta de classes em
Portugal - só daí lhe
vem a posição de adere-
são.

10- A peça investiga,
conta, narra, uma rea-
lidade (uma história
simples) de um operá-
rio. A história é conta-
da em movimento, isto
é, a história tem prin-
cípio, meio e continua-
ção - o fim pertence
à vida, e esta não tem
fim!

11- O operário trans-
forma-se de um indivi-
duo sem consciência
política avançada, num
militante comunista um
ano depois e, segundo
o poema de separação
das duas cenas princi-
pais, ele próprio é
já um organizador de
operários e de mani-
festações.

12- Tanto quanto o po-
demos dizer, o públi-
co tem-no exprimido, e
loquentemente. A pró-
pria peça esta traba-
lhada tendo isso em
conta.

13- Cada cena por
si

14- Desenrolar si-
nuoso. Saltos brus-
cos.

15- O homem como
processo.

16- O ser social de
termina o pensamen-
to

13- As cenas e os
quadros da peça são
separados de acordo
com a parte da his-
tória a que dizem
respeito, de acordo
com a evolução que
representam, procu-
rando dar ideias não
confusas, amalgamadas
e estereotipadas ao
espectador. Porém, to-
das elas acentam num
ma interligação com
o contexto geral. O
espectador terá assim
uma visão de conjunto
da história, simples
e clara.

14- A peça com o dia-
logo entre o coman-
dante e o operário se-
gue este tipo de de-
senrolar sinuoso. Dan-
do pois, ao especta-
dor, uma ideia de que
a consciência avança-
da no cérebro de um
operário não se adqui-
re com "formulas fei-
tas", fáceis, pala-
vrosas, mas outros -
sim com experiência
social, vivida. O o-
perário dá porém sal-
tos bruscos na sua to-
mada de consciência
-o diálogo final é no-
tório.

15- Que dizer disto?
A peça tem o operário
como figura-símbolo
de um processo revo-
lucionário de consci-
encialização avança-
da da classe operária
em geral.

16- A consciência de
classe do operário,
ainda que embriona-
ria, determina toda
a sua defesa em rela-
ção ao interrogató-
rio do comandante da
P.S.P.. Essa mesma
consciência mais tar-
de desenvolvida na
luta (um ano depois)
determina o seu pen-
samento na prisão de
Caxias -o seu compor

DICIONÁRIO

tamento é sintoma de que o operário é determinado pela classe, pela ideologia da classe proletária, à qual pertence, como elemento avançado, sendo essa classe a única que lhe dá forças para não trair para ver não só a luta no terreno nacional, mas sobretudo no mundial.

17- Razão.

17- O espectador tira a conclusão que a força do operário, é a força da razão. A experiência diz-nos que não houve, até à data, nenhum espectador capaz de infligir uma crítica justa ao conteúdo da peça - desde o trabalhador ao intelectual pequeno-burguês "mais ou menos" de esquerda.

Conclusões gerais:

O trabalhador diz-nos: -O que vocês contam é verdade, isto sucede. (o mais avançado, acrescenta)... mas mudará um dia.

A pequena burguesia intelectual (racional) vem-nos dizer: -É boa, a peça, está certa, mas falta-lhe qualquer coisa no final... Não sei bem o quê, talvez...

... E este "talvez" é por vezes o que quer ou o pretender que nós arvoremos no final da peça a apologia de tal ou tal grupo político, tal ou tal organização mais ou menos "esquerdista" que obviamente, todas sem excepção se pertencem a "vanguarda do proletariado" (muitas vanguardas tem o proletariado português!!!).

Para a pequena-burguesia o aspecto da etiqueta -o folclore- é o principal, os princípios o secundário, ainda quando inatáveis, só porque não vêem "carimbados"!

"Em verdade, verdade vos digo, que se um cego conduz a outro cego, ambos virão a cair no mesmo barranco"

E quem é cego e não vê à luz dos princípios o que é correcto e o que é incorrecto de nada lhe servirão as etiquetas das suas bagagens de "exilados".

FASCISMO - Significa a última tentativa do imperialismo para sobreviver (assim como do colonialismo), como capitalismo, sob a forma de super-imperialismo, com o monopólio único sobre a produção e circulação das mercadorias, no mundo. O fascismo exige a concentração máxima do capitalismo sob a égide do Estado, conservando, todavia, a pequena propriedade privada e certa liberdade individual da produção, embora sob a tutela do Estado, através dos seus órgãos de direcção económicos - economia dirigida. Escravidão, portanto, da imensa maioria em benefício de ridícula minoria. Para conseguir o monopólio único no mundo, terá que submeter os outros povos, através da guerra, é óbvio. É a forma mais rápida e violenta de Ditadura da Burguesia num só país. Dado o desenvolvimento irregular do capitalismo, o país mais forte, fascista, estimula formas semelhantes de regime nos países estrangeiros, que, depois, seriam assim mais facilmente dominados, visto que as organizações fascistas agiriam traidoramente como quinta-coluna. Culminaria com um único país soberano e os demais escravos.

Economia dirigida. Propriedade privada dos meios de produção ultra-concentrada. Oportunidades apenas para os da classe dominante. Fetichismo do valor de troca.

Produz para atender à ambição do super-lucro.

Monopólio super-capitalista.

Escravidão das massas, à base de escravidão económica. Produção para a guerra.

Esporta o que produz.

Super-Ditadura da Burguesia, definitiva.

Partido Único, não podendo os sem partido serem votados. Governo exclusivamente de fascistas.

Divisão de raças, com uma superior.

Sujeição nacional ao país fascista.

Classe organizada para submeter o seu povo e demais.

Super-Imperialismo, nacional.

Condição social de escravidão.

Sociedade de classes. Retrocesso.

Governo genuíno - mente individual, de chefe poderoso. Poder nas mãos de uma casta.

Prostituição oficializada.

Fanatismo.

Instrução para castas.

Ódio à cultura.

Exército escravizador.

Mulher animalizada.

Criação-soldado.

Operário escravo. A treva para a maioria.

Queimam-se milhares de livros.

Imprensa refletindo os interesses da classe dominante.

Idealismo misturado com materialismo vulgar.

Sociedade definitiva. O velho, reacionário.

LEI - Regra obrigatória ou necessária, que preside a fenomenologia. A lei traduz os aspectos e relações mais gerais e essenciais da realidade e, por isso, exprime mais profundamente o panorama do mundo objectivo. O conhecimento verdadeiramente científico consiste no descobrimento das leis do mundo objectivo. Apoiando-se no conhecimento das leis científicas, os homens influem activamente sobre a natureza e sobre o curso normal do desenvolvimento social.

LIBERDADE E NECESSIDADE - Os metafísicos contrapõem, em geral, a liberdade e a necessidade. Uns afirmam que a vontade é absolutamente livre, isto é, não está condicionada a coisa alguma; outros sustentam que não existe o livre arbítrio, que existe apenas a necessidade absoluta. Ou a liberdade da vontade ou a necessidade, afirmam os metafísicos. O marxismo nega esse delineamento anti-científico do problema e resolve-o dialécticamente. Do ponto de vista do materialismo filosófico marxista, a liberdade consiste não numa independência imaginária das leis da natureza, mas sim no conhecimento dessas leis, na possibilidade de aproveitá-las na actividade prática. "Até o dia em que não conhecermos determinada lei da natureza, essa lei, existindo e actuando à margem e fora do nosso conhecimento, torna-nos escravos da ce-

ga necessidade. Uma vez que conheçamos porém, essa lei, actuando, independentemente da nossa vontade e da nossa consciência, daí por diante tornamo-nos senhores da natureza" (Lenine). A liberdade da vontade não é outra coisa mais senão a atitude de aceitar uma solução, com conhecimento de causa. "A liberdade consiste, pois, em nos dominar-mos a nós mesmos e a natureza exterior, dominando esse baseado no conhecimento das necessidades da natureza" (Engels). Em consequência, a liberdade vem a ser a necessidade consciente. Sem que se compreenda a necessidade, não é possível gozar-se de verdadeira liberdade. Os homens que se tornaram donos da sua própria existência social, tornaram-se, em consequência, donos da natureza, donos de si mesmos: livres.

LUMPENPROLETARIADO - Lumpenproletariat, expressão empregada por Marx, indica a imensa legião de vagabundos, de indivíduos que não participam na produção: prostitutas, bandidos, ladrões, vadios, escroques, toda a escória da sociedade formada tanto pelos elementos arruinados da pequena-burguesia como pelos proletários que se tornam desocupados permanentes. Podem, nos momentos revolucionários, participar da revolução, mas para dar expansão aos seus baixos instintos e exercer acção política, traiçoeira.



Mussolini e Clara Petacci
linchados na praça Loreto

F A S C I S M O

Morte, por execução (pelos populares italianos) do fascista Mussolini e de sua amante. Milão. A sorte dos governos fascistas tem os dias contados, o Povo jamais esquece os seus carrascos!

O sobreiral é um grito na solidão. A - quece as faces ao sol e perfuma o espaço de uma alegria austera. Os vagabundos vêm e procuram na frescura destas terras o remédio do repouso e da vida.

Na senda do Estio, aparecem os insectos hamoram-se e casam-se as aves. Há quem se ponha a gritar no fim de um carril amarelo. E quem se ponha a rir, também.

Ainda ontem o dia apareceu pintado de cinzento. Passaram duas nuvens vagarosas, veio um pássaro comprido atrás delas, o pássaro desceu no horizonte, as nuvens evaporaram-se no alto de uma colina.

Nos carreiros, o piçarrão endureceu. Já nasceram as ervas, o polén das flores aromati-za os campos, as aves bricam por toda a banda, palpitam os céus duma tremulina que dir-se-ia gasificada de claridades infantis. Um moinho que daqui se vê tem as velas à mostra, como se fosse uma bandeira nova a saudar os artistas e os moinantes que vêm a estes sítios: matar a sua sede de poesia.

Observe você, com delicadeza, a papoila real que berra saúde nesse chão de mentrastos. Olhe bem, não seja cego: a papoila sorri, você não está só!

No sobreiral, um pastor deu um pulo nas margens de um regato, encostou-se a uma robusta árvore e pôs-se a olhar os longes. Pensou, repensou e daí a nada, voltando-se, deu em a - palpar a crosta de um sobreiro indagando mentalmente a idade daquela fonte de cortiça. Tinham-no plantado há trinta anos e o sobreiro estava cheio de pernas e de raminhos, mas só no último Outono o descascaram pela primeira vez. Dera uma cortiça fina. Nascera ao rés dumas pedras lisas, na companhia de uns zambujeiros, num terreno adusto, de barro vermelho, bom para a cultura do pão. Espigou em três anos de bonança. Ao princípio, albergava ninhos de pisco e de milheirões e agora, que se enfeitou de abundantes folhas e estendeu as vestes, da guarida a melros e toutinegras e, no tempo das bolotas, que se criam no outro lado de lá do barranco, nas azinheiras do monte vêm os piratas dos pombos bravos dormir as suas noites regaladas.

O coração das aves é a terra. É a terra a habitação dos seus ais. Mas é ao sol e à chuva que elas devem a formosura e o entendimento.

" No tempo da vida bela - conta um velho camponês - cresciam os carvalhos de boa copa por estes sítios de fartura, e as madeiras serviam para construir galeras e cabanas,

o romance das árvores

caravelas e pontes. As árvores de tal porte e feitio não havia ventos que as tombassem e só os raios as matavam no decurso dos grandes temporais. Árvores centenárias, trisavos dessas todas que aí estão, já se acabaram - as severava o camponês. Conheci um sobreiro do tamanho de um olhar de gente, objecto enorme e gaiteiro, muito ramalhudo, que deu cortiça para forrar casas de pessoal rico, tapetes por onde passavam reis e milionários e quadros, portas, rolhas, sei lá! De oito em oito anos, a árvore engordava que era um louvor dos céus. Nem os ventos do norte com as suas facadas de tunantes, nem os ciclones de Março, com os seus abanões matadores, podiam com ela. Mas um dia chegou um ricaço, deu um pontapé numa esteira, abriu os olhos para a manhã pimpo na e comprou a herdade. Acto contínuo, tratou de arranjar gente para derrubar o montado e eis que, durante seis ou sete meses, os machados impontaram com mais de quinhentas árvores para cima de enormes camionetas, que abalaram pelas estradas, a deitarem muito fumo e a fazerem muito barulho, na direcção das vilas. Pois a tal azinheira deu que falar. Golpearam-na nos pés sem do nem piedade, e ela sempre firme. Vieram então mais machados e serras e então, como por artes mágicas, os machados e as serras partiram-se, um homem cegou de um olho por mor de um farrapo de lenha que se desprendeu de um tronco, outro partiu um dedo quando ferrava um ferro na raiz, e a árvore, estoica, corajosa, sem cair na relva. O dono desesperado, mandou arrancá-la a dinamite. Ou porque a sobreira tinha os améns da Natureza, ou porque o tiro fosse mal calculado, o certo é que a explosão deu muito além do lugar pensado pelos senhores das vilas, e a pobre, ferida pelos estilhaços, ainda continuou a viver, direita, no meio dos campos. Cansados, os operários regaram-na com petróleo e queimaram-na. Mas a raiz ficou escondida e mais tarde rejuveneceu. Não vê, além, aquela linda copa? É ela ".

O velho camponês pôs a mão à frente dos olhos, e continuou: "As árvores são irmãs dos pobres. Há-as aleijadinhas, presas a um destino sem lei, mansas e cativas; há-as esguias e revoltadas, de galhos tesos como punhos de combatentes atirados para o infinito, a desafiar vendavais... ! " ...



MAXIMO GORKY



" Máximo Gorky. 1868-1936 "

Escritor revolucionário russo.

Iniciador da literatura realista, conhecida pela designação de realismo-socialista. Gorky foi um infatigável defensor da luta do proletariado russo, da revolução de Outubro de 1917. As suas obras são um testemunho fiel daquilo que deve ser um verdadeiro intelectual revolucionário.

Vamos transcrever algumas páginas de Gorky sobre Lénine, obreiro e guia da Revolução russa e do proletariado de todos os países:

"...É difícil de traçar o retrato de Lénine. Lénine, exteriormente, era, em palavras, aquilo que o peixe é em escamas. Era simples e justo, como tudo o que dizia.

O seu heroísmo, quase perfeitamente despido de vaidade exterior, era uma espécie de abnegação modesta, ascética, frequente no intelectual russo - no revolucionário que acredita sinceramente na possibilidade da justiça sobre a terra; o seu heroísmo era o do homem que renunciou a todas as alegrias do universo para poder trabalhar duramente na construção da felicidade para a humanidade.

...Em 1919, durante o ano terrível da fome, Lénine tinha vergonha de comer aquilo que os camaradas lhe enviavam da província,

soldados ou camponeses. Quando, na sua incomfortável casa chegavam encomendas, ele ficava amuado e, confundido, apressava-se a distribuir a farinha, o açúcar e a manteiga aos camaradas que estavam doentes ou fracos pela falta de alimentação.

...Em 1907, em Londres, vários operários que viam Lénine pela primeira vez, falavam da sua atitude no Congresso do partido social-democrata operário russo. Um deles caracterizava-o assim:

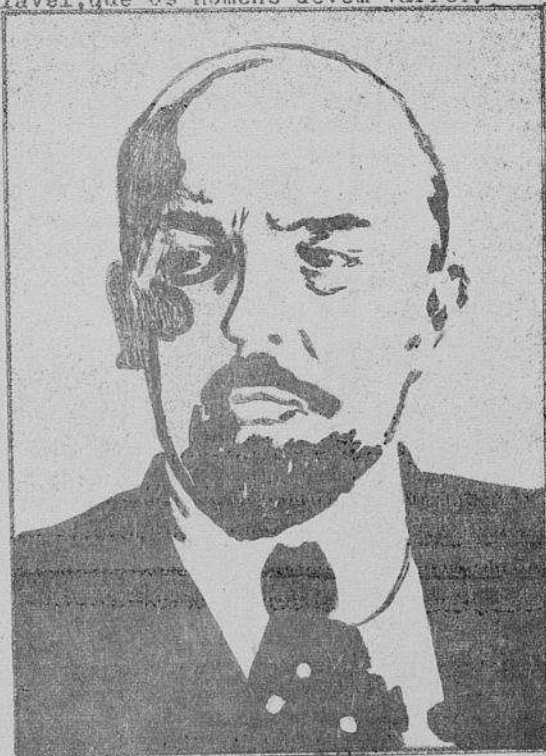
-Eu não sei: talvez os operários tenham na Europa um homem assim tão inteligente - Bebel ou outro. Mas que não existe um só, pelo momento, que eu possa amar logo à primeira impressão, como Lénine, isto eu o creio.

...No outono de 1918, perguntei a Dmitri Pavlov, um operário de Smormov, qual era a seu ver o traço mais característico de Lénine.

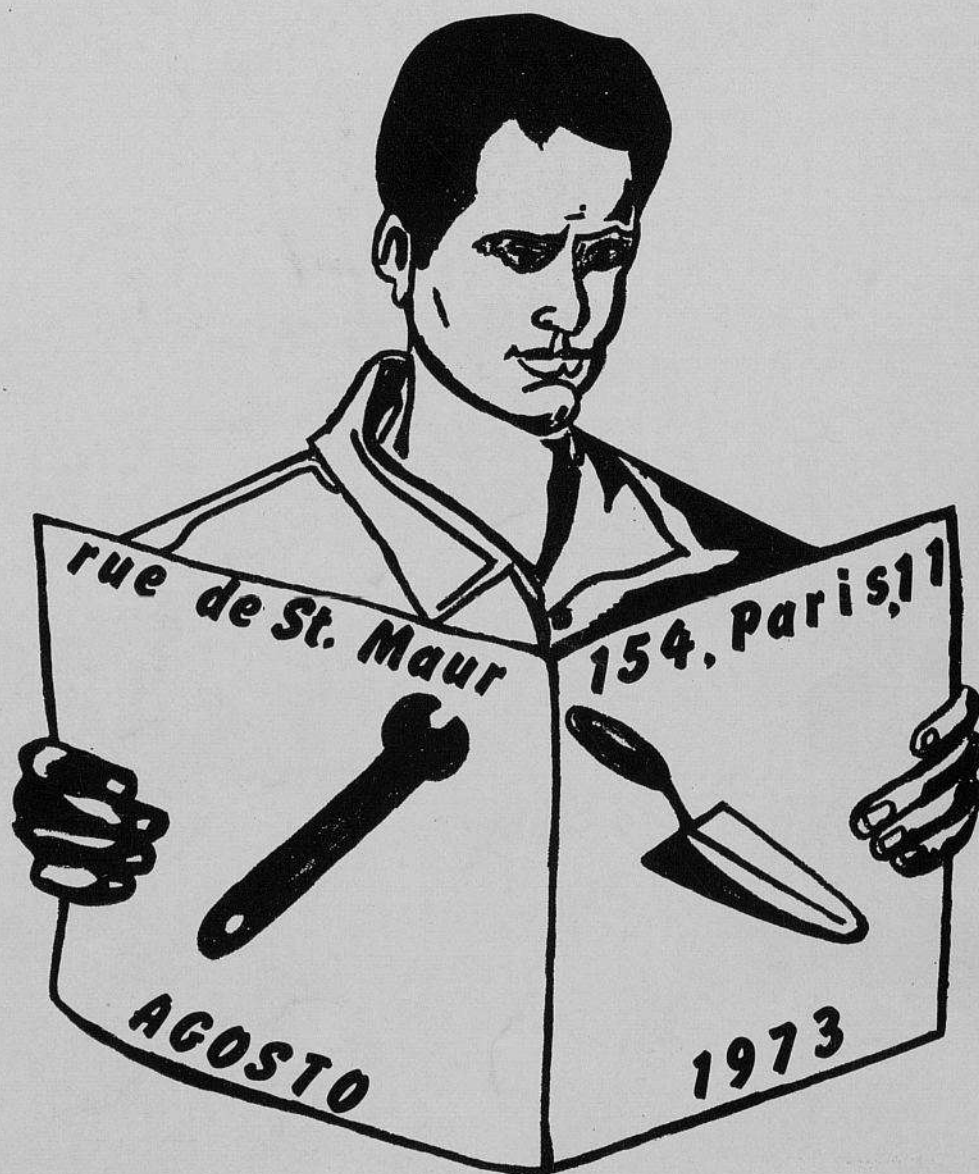
-A simplicidade. Ele é simples como a verdade.

Pavlov deu-me esta resposta como tratando-se de uma coisa maduramente pensada e cuja resposta já estava preparada desde há muito.

...Aos meus olhos, o que existia nele de excepcional e grande, era precisamente o sentimento de hostilidade implacável, inesgotável, contra os sofrimentos humanos, a sua ardente convicção de que a infelicidade e a desgraça não são os fundamentos indispensáveis da existência, mas um mal, remediável, que os homens devem varrer.



lenine



edição do centro
«OUTUBRO»

publicação interna
não periódica

